

What is theatre about?

Battle of Ideas - Eventos Satélite 2011

DEBATE SEG 3 OUTUBRO

José Maria Vieira Mendes

A minha comédia

O meu teatro é inspirado pelas pessoas que estiveram e estão contra o teatro. Platão ou os puritanos, Diderot, Stanislavski ou os modernistas são alguns dos anti-teatrais da história. Por razões diferentes. É a tradição anti-teatral (há quem lhe chama o “preconceito anti-teatral”) que, por razões diferentes, tem vindo a usar o teatro como bode expiatório ou saco de boxe.

Com o Teatro Praga, companhia da qual faço parte, usamos muitas vezes o termo “teatro” para caracterizar aquilo de que não gostamos: “Lá estás tu a fazer teatro” ou a “pensar teatro” ou a ser “teatral”, tudo isto são críticas que aparecem várias vezes nos ensaios. E talvez das mais insultuosas. Ninguém quer estar a fazer ou a pensar teatro. É a armadilha em que não queremos cair.

Uma vez saiu-me a palavra para maldizer um espetáculo que fui ver. Era demasiado “teatral”. Ao meu lado, um amigo que se chama Francisco perguntou-me o que queria eu dizer com “teatral”? Parece um código, uma palavra que se usa em lugar de muitas outras e que só é entendida pelos mais próximos. É o nosso código, mas não é inacessível. Com menos preguiça do que naquele dia talvez consiga responder à pergunta.

Apesar desta repulsa em relação ao teatro, ao mesmo tempo faço questão em afirmar-me como pessoa que faz teatro. Somos o Teatro Praga e não os Dança Praga ou Performance Praga. E quando um opositor (aquele a quem chamamos inimigo) afirma descaradamente que “eles (nós) não fazem teatro”, isso é tomado como um tremendo insulto. Será uma contradição?

Claro que não. Rejeitar e afirmar o teatro numa mesma oração não é uma contradição. Não são sequer dois lados da mesma moeda, mas sim o mesmo lado da moeda. É um modo de olhar para o teatro como lugar onde se põe em causa a identidade, a perspetiva, as definições, e as fronteiras. É um modo de olhar o teatro como lugar de questionamento epistemológico.

Quando nos queixamos do teatro, estamos sobretudo a queixar-nos do que descansa num estilo, do que se conforta com o facilitismo, do que perpetua gestos e respostas. Neste sentido, “teatro” (ou “teatral”) é um modo de estar que deixou de se perguntar o que é o teatro (e “teatral”). E como eu quero fazer arte, não posso fazer teatro. É a luta do artista contra a arte que é também a luta do artista contra a sociedade.

Ou seja, aquele que está disposto a não tomar nada por garantido nem a simplificar as lutas entre bom e mau ou velho e novo está por sua vez disposto a olhar para o mundo e a lê-lo também assim. A importância deste ponto de vista, desta tradição (ou preconceito), é a de ver, sem qualquer tipo de garantias, o que até aí não tínhamos visto. E de olhar para nós, produtores e recetores, como coisa em movimento, como, por um lado, pessoas que são lidas por uma estrutura narrativa que depende de linguagens e ideias e, por outro, pessoas que podem redigir essa mesma estrutura narrativa que é feita de linguagens e ideias.

Fazer teatro e não fazer teatro é ter consciência de que não existimos como até aí pensávamos que existíamos. Ou de que podemos existir como até aí não pensávamos que se existia. Ou, numa versão metafórica, à la Heiner Müller, escrever num tempo diferente daquele em que vivemos.

Atenção: Não se trata de um drama pessoal. Não se trata de procurar uma suposta identidade perdida, ou a essência do Eu. Não. A única coisa que posso garantir a mim mesmo (e não o garanto aos restantes, aos espectadores) é que andarei a pensar de que é feito o Eu como ando a pensar de que é feito o teatro. É uma posição ideológica. E neste sentido, o meu teatro é ideologia. É um drama político. Melhor: é uma comédia política. Evidentemente cínica porque consciente não só da sua insignificância como também da monstruosidade que a rodeia e engole. Teatro é um ponto de vista e um ponto de vista que só olha numa direção: em frente.

Gostava de terminar com uma pequena parábola baseada na última peça que escrevi e que se chama *Terceira Idade*, uma comédia. É um pedaço de uma conversa entre dois atores. E um dos atores está a fazer de comediógrafo de nome Merlim, um dramaturgo que escreveu uma comédia para um casamento e que acabou de se queixar das dificuldades da criação artística. E diz-lhe o outro ator:

S: Essa conversa aborrece-me, Senhor Merlim. Não tenho qualquer curiosidade em estar a par dos dilemas criativos de um velho reformado. Só quero que me digas uma coisa: essa comédia que nos vais oferecer é divertida? Terás tu espírito suficiente para fazer alguma coisa... que fique?

B: Tudo o que faço fica, mas eu não. Preferia que fosse ao contrário. Estou mais interessado na minha vida do que na vida daquilo que faço. Melhor era ficar eu e não o que eu faço. Mas não tenho espírito para isso. É a minha tragédia.

Fim de citação.

É esta a tragédia da comédia que é o teatro: é que o teatro é aquilo que torna a vida bem mais interessante do que o teatro.

José Maria Vieira Mendes

3 Outubro 2011